

Riella defende cooperativismo

Mais da metade dos trabalhadores brasileiros estão voltados para o setor informal e "um candidato a presidente da República podia se eleger em primeiro turno se defendesse a bandeira deste segmento", afirmou o secretário do Trabalho, Renato Riella, no Fórum Econômico de Brasília.

Ele disse que a informalidade no Distrito Federal assume proporções menores, pouco superiores a 30 por cento, porque existe uma faixa acima de 30 por cento de empregos formais assegurados no serviço público, o que é uma característica da capital federal.

Tanto para o Brasil, como para Brasília, Riella defendeu a adoção urgente de um modelo de desenvolvimento de Terceiro Mundo, porque não há recursos para se investir rapidamente no combate ao desemprego usando meios tradicionais. Segundo explicou, a geração de um emprego formal obriga a investimentos, por emprego, de dez a 20 mil dólares.

Diante desta realidade, Riella acha que o modelo de Terceiro Mundo deve privilegiar o apoio ao trabalho das famílias, principalmente organizadas

em grupos de produção, experiência que a Secretaria do Trabalho "vem realizando com êxito em algumas cidades-satélites".

O secretário mostrou que, dentro do quadro de empregos no Distrito Federal, as atividades formais e tradicionais apresentam decepções. No caso da indústria de transformação, por exemplo, emprega somente 3,6 por cento dos trabalhadores brasileiros, cabendo 6,8 por cento à construção civil e 15,6 por cento ao comércio.

Todas essas atividades somadas representam percentualmente menos do que os empregos do setor público ou as ocupações do setor informal. Riella lamentou que nos últimos três anos o investimento dos governos no serviço público tenha declinado, o que afetou Brasília. Mas ressaltou que a partir do segundo semestre deste ano esta situação começou a mudar.

O secretário do Trabalho registrou no fórum a disparidade existente entre setores do DF de maior poder aquisitivo, como o Plano Piloto, e localidades como Ceilândia e Samambaia. Enquanto as cidades mais pobres têm taxas de desemprego superiores a 20 por cento, o Plano Piloto fica pouco acima de seis por cento. Por isso, defendeu a intensificação de ações junto a famílias em grupos de produção nos setores de confecção, alimentos, móveis, artesanato e muitos outros.